

## **ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL EM ADOLESCENTES DO 10º ANO DE ESCOLARIDADE**

Paula Barros & Elda Assunção

Universidade Fernando Pessoa  
13233@ufp.edu.pt

### **Resumo**

A adolescência é compreendida como um conjunto de experiências entre a infância e a vida adulta. Em que a sequência de transformações biopsicossociais se processa com diversos significados conforme o contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido (Carvalho, 2007).

Um aspecto importante no trajecto escolar de um adolescente prende-se com a definição da sua vida futura (Dias, 2008). Por isso, um dos objectivos da orientação escolar e profissional é a orientação do aluno na obtenção e exploração de aptidões, interesses, atitudes, motivações e aspirações, entre outros.

Este artigo aborda, a escolha da futura profissão e a sua relação com os resultados obtidos nas provas verbais (comparação de nomes e vocabulário) e de realização (desenvolvimento de volumes e utensílios idênticos) da Bateria de testes de aptidões (GATB).

O estudo tem como objectivo determinar as competências a nível verbal e de realização de adolescentes do 10º ano de escolaridade, relacionando-as com as escolhas profissionais futuras.

A amostra é constituída por 19 adolescentes da Escola Secundária Doutor Júlio Martins (10 do sexo feminino e 9 do sexo masculino), a todos foi administrado um questionário sócio-demográfico e 4 testes da GATB.

Através da análise efectuada pode verificar-se que a maioria dos inquiridos (58%) demonstra aptidões necessárias à profissão futura.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano entre a infância e a idade adulta essencial para o crescimento e maturação física e psicológica. É nesta fase que o indivíduo procura construir de uma forma pró-activa a sua identidade, que se afirma como ser independente, autónomo, diferente do outro, com necessidades, interesses e capacidades. É um período em que a mudança é a principal fonte de novidade, em que as mutações começam num acontecimento biológico (a puberdade) e terminam num acontecimento psicossocial (a independência em relação aos pais) (Campos, 1990a; Papalia, Olds & Feldman, 2001).

O crescimento que se vivência na adolescência engloba uma acção combinada entre as alterações biológicas, sociais, cognitivas e os contextos, como a família, a escola, o grupo de pares e a comunidade, nos quais os jovens experienciam as exigências e as oportunidades para o seu desenvolvimento (Campos, 1990a; Papalia, Olds & Feldman, 2001). Esta fase culmina quando o indivíduo define a sua identidade e assume as responsabilidades e papéis adultos (Campos, 1990a).

É do conhecimento de todos que o momento da escolha profissional é deveras importante na vida de qualquer indivíduo e geralmente esta escolha ocorre conjuntamente com outras escolhas importantes que o indivíduo tem que fazer na sua vida, ou seja, ocorre num momento evolutivo

em que o adolescente se prepara para assumir uma identidade sexual, religiosa, entre outras (Campos, 1990a; Campos, 1990b).

Actualmente, a sociedade, vive um momento de grande modificação no que se refere ao mercado de trabalho, exigindo cada vez mais competências dos profissionais. Factor este que desencadeia um compromisso de vencer frente à alta competitividade do mercado (Jaskulski, Costa, Massatti & Costa, s/d). Assim sendo, a compreensão do mundo profissional e o ajuste do indivíduo a esse mundo, de forma satisfatória, constitui um dos objectivos mais importantes para a vida de cada indivíduo (Carmo & Costa, s/d). E, é por volta dos 14/15 anos de idade que os adolescentes são pela primeira vez confrontados com a necessidade de tomarem a sua primeira grande decisão em termos escolares: optar por cursos mais vocacionados para a integração no mercado de trabalho ou pelos cursos gerais, predominantemente orientados para o prosseguimento dos estudos no ensino superior (Carmo & Costa, s/d; Campos, 1990b; Figueiredo, 2001).

Segundo Jaskulski, Costa, Massatti e Costa (s/d), o compromisso de vencer face à grande competitividade existente no mercado vem arraigado de dificuldades e exposição pessoal por parte de quem encara esta nova luta, muitas vezes desigual e injusta, colocando frente a frente indivíduos de diferentes níveis socioeconómicos e, por consequência, de diferentes formações culturais, cujas possibilidades de estudo nem sempre foram as mesmas.

*... “definir o futuro não é somente definir o que fazer, mas, fundamentalmente, definir quem ser e, ao mesmo tempo, definir quem não ser. Quando o adolescente se preocupa somente pelo que fazer, o psicólogo deveria restituir-lhe a parte da realidade que esteja escamoteada. Terá que lhe mostrar que forma de ser escolhe ou quer escolher. E quando se preocupa somente por que coisa quer ser, terá que lhe mostrar que relação tem a ocupação concreta com esse modo de ser que propõe assumir” (Bohoslavski, 1987, p.53).*

A complexidade da opção vocacional deve ser compreendida como sendo uma escolha de vida que acarreta a elaboração de identificações, tomada de decisões e, conseqüentemente uma formação de identidade (Campos, 1990b). Desta forma, a actividade de um profissional de psicologia que actue neste momento da vida dos indivíduos deverá levar em consideração estes aspectos estruturais, entendendo o adolescente como um ser biopsicossocial (Campos, 1990a; Campos, 1990b).

Sendo o desenvolvimento humano um resultado histórico e social da interacção entre o indivíduo o meio envolvente, o desenvolvimento vocacional apenas pode ser concebido como um projecto individual e social (Campos, 1990b). Para Ferreira (2005) o âmbito da orientação

vocacional é a promoção ou activação do desenvolvimento psicológico em todas as dimensões da existência humana na permanente construção da identidade pessoal.

Segundo Silva, Lassance e Soares (2004) o conceito orientação profissional, na perspectiva psicológica significa a ajuda prestada a uma pessoa com o intuito da solução de problemas relativos à escolha de uma profissão ou ao progresso profissional, tendo em consideração as características do interessado e a relação entre essas características e as possibilidades no mercado de emprego. Desta forma, a orientação profissional na sua forma mais reduzida assume-se como o ponto de partida para a elaboração e concretização de projectos profissionais, que podem ter como desenvolvimento a adaptação/readaptação ao trabalho, a qualificação profissional, o emprego e a sua manutenção (Salgado, 2002).

Segundo Gonçalves (2000) o desenvolvimento vocacional tem sido conceptualizado, ao longo do tempo, a partir de múltiplas abordagens teóricas, emergindo diversos pontos de vista sobre a problemática, com incidências incontornáveis na delimitação do seu âmbito, bem como nas estratégias de intervenção para a promoção do mesmo. Desta forma, o desenvolvimento vocacional constitui-se como uma dimensão integradora do desenvolvimento psicológico global, referenciando-se à confrontação do indivíduo com as sucessivas tarefas relacionadas com a elaboração, execução e reformulação de projectos de vida, ao longo do ciclo vital, onde estão em jogo a educação, a formação, a qualificação e a actividade profissional, na articulação com a escolha de um estilo de vida que comporta a coordenação dos diferentes papéis da existência (Campos, 1991; Carmo & Costa, s/d; Carvalho, 2007). Aliás, desde o surgimento da orientação profissional no século XX, têm-se registado uma importante evolução nesta área.

Com a complexidade do sistema educativo e a articulação com o mundo do trabalho, os custos individuais e sociais de decisão de carreira são razões suficientes que justificam a criação de programas de orientação (Carmo & Costa, s/d). O objectivo destes programas de intervenção é auxiliar no processo de tomada de decisão e promover aspectos de maturidade vocacional. Desta forma, a prática de orientação deverá valorizar o indivíduo como um todo (Peavy, 1996), centrando-se nas suas próprias características, interesses, aptidões ou a personalidade e que não poderão ser, de modo algum, encaradas como estanques ao longo do tempo mas, antes, como constructos susceptíveis de serem desenvolvidos e aperfeiçoados (Imaginário, 1997), à medida que o sujeito se desenvolve (Carmo & Costa, s/d).

Esta forma de abordar o desenvolvimento vocacional tem implicações na operacionalização do conceito de competência (Gonçalves, 2000). Aliás, segundo Carvalho (2007), nas últimas décadas tem-se discutido imenso acerca da noção de competências e da pertinência da abordagem das competências na formação geral e profissional dos sujeitos.

O conceito complexo de competência frequentemente utilizado na literatura da gestão, no mundo empresarial, na educação e na formação é um constructo que ainda não está operacionalizado, encontrando-se numa fase de construção no seio da comunidade científica (Levy-Leboyer, 1999; Wittorski, 1998).

No entanto, Gonçalves (2000) define competência como sendo um conjunto integrado e estruturado de saberes – “saber-fazer”, “saber-ser” e “saber-transformar-se” – a que o sujeito terá que recorrer e mobilizar para a resolução competente das várias tarefas com que é confrontado ao longo da sua vida, assumindo assim uma consciência crítica das suas potencialidades e recursos bem como dos embaraços psicossociais em que se contextualiza. Portanto, as competências não se restringem às mobilizadas para o exercício das actividades profissionais porque, embora autenticando que o trabalho (incluindo o tempo de preparação para o mesmo, a formação profissional) ocupe um terço do nosso tempo (Imaginario, 1998), também se pode afirmar que as dimensões mais significativas das nossas vidas, implicam o desempenho de outros papéis, apelando para a activação de competências mais energéticas e emocionais que não são mobilizadas preferencialmente no papel profissional, mas obviamente com implicações neste (Gonçalves, 2000).

Holland, Magoon e Spokane (1981, citados por Faria & Taveira, s/d), identificaram alguns componentes comuns às intervenções eficazes relatadas pela literatura, sendo eles: a aquisição de uma estrutura cognitiva para compreensão do eu, do mundo do trabalho, e da relação entre ambos; a informação sobre o eu e o mundo do trabalho, isto é, informação vocacional; o ensaio cognitivo de aspirações, sonhos, esperanças, entre outros aspectos análogos, (narrativas cognitivas); o apoio social ou o reforço, por parte do psicólogo, de um colega de intervenção, de um membro familiar, de um par e por último a mobilização de comportamento exploratório persistente.

Krumboltz e colaboradores (1979, citado por Faria & Taveira, s/d) realizaram inúmeros estudos qualitativos acerca da eficácia da intervenção vocacional, tendo chegado às seguintes conclusões: a intervenção vocacional permite alcançar resultados mais elevados em diversas medidas de critério, (por exemplo, na maturidade vocacional); a intervenção vocacional contribui para a melhoria de competências vocacionais específicas, como é o caso das competências de procura de emprego e por último a intervenção vocacional poderá ajudar os clientes a realizar melhor as suas escolhas. Todos estes aspectos em convergência fazem com que as intervenções vocacionais sejam bem sucedidas.

Autores como Lipsey e Wilson (1993, citados por Faria & Taveira, s/d) e Oliver e Spokane (1988, citados por Faria & Taveira, s/d) demonstram que a intervenção vocacional produz ganhos de magnitude semelhante aos que são gerados pela intervenção psicológica educacional

ou comportamental em geral. O que permite concluir: os resultados de vários estudos conduzidos com uma variedade de clientes, técnicas, estratégias e programas de intervenção, demonstram a existência de efeitos benéficos moderados, ainda que robustos, da intervenção vocacional; a consulta psicológica vocacional individual é mais dispendiosa que qualquer outra intervenção, em termos de ganhos obtidos por hora de esforço, ainda que a mais eficiente (Oliver & Spokane, 1988, citados por Faria & Taveira, s/d); o ensino de estratégias cognitivas de tomada de decisão a clientes com uma abordagem intuitiva das decisões de carreira (Harren, 1980, citado por Faria & Taveira, s/d) é a única intervenção que, de um modo consistente, não produz resultados e/ou produz resultados prejudiciais; pessoas com baixa auto-estima e fracas competências sociais, ou, com indecisão elevada e níveis baixos de identidade vocacional, ou ainda, com aspirações irrealistas, obtêm melhores resultados na consulta psicológica vocacional individual do que nas intervenções auto-dirigidas ou de grupo (Myers, 1986, citado por Faria & Taveira, s/d); por sua vez, grupos especiais de clientes (e.g. minorias étnicas) obtêm mais ganhos com intervenções vocacionais estruturadas e directivas, quando comparadas com intervenções menos estruturadas e directivas (Savickas, 1991, citado por Faria & Taveira, s/d). Através deste estudo pretende-se determinar as competências a nível verbal e de realização em alunos do 10º ano de escolaridade, relacionando-as com as suas escolhas profissionais futuras.

## Método

### Participantes

A amostra do presente estudo, de conveniência, é constituída por 19 alunos Portugueses da Escola Secundária Doutor Júlio Martins situada em Chaves.

As características sócio-demográficas da amostra encontram-se na tabela 1.

Tabela 1. *Características Sócio-demográficas da Amostra (n=19)*

Característica	n	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	10	52,6
Masculino	9	47,4
<b>Idade</b>		
15	5	26,3
16	7	36,8
17	3	15,8
18	2	10,5
19	1	5,3
20	1	5,3

<b>Estado civil</b>		
Solteiro (a)	17	89,5
União de facto	1	5,3
Dados omissos	1	5,3
<b>Escolaridade</b>		
10º ano	19	100
<b>Profissão futura pretendida</b>		
Economista	3	15,8
Jornalista	1	5,3
Polícia de segurança pública	1	5,3
Contabilista	1	5,3
Psicólogo	1	5,3
Jogador de futebol	2	10,5
Professor de geografia	1	5,3
Sargento/coronel	1	5,3
Empresário	1	5,3
Trolha/economista	1	5,3
Dados omissos	6	31,6
<b>Nível sócio-económico</b>		
Médio	15	78,9
Médio-baixo	3	15,8
Baixo	1	5,3
<b>Pessoas com quem vive</b>		
Pais	15	78,9
Amigos	1	5,3
Outros	2	10,5
Dados omissos	1	5,3
<b>Lugar onde vive</b>		
Casa própria	16	84,2
Casa alugada	3	15,8

A análise da Tabela 1 mostra que a maior parte dos indivíduos era do sexo feminino (52,6%) e os restantes do sexo masculino (47,4%).

A idade dos participantes oscilou entre os 15 e os 20 anos ( $M=16,47$ ;  $DP=1,429$ ). Relativamente ao estado civil a amostra é maioritariamente solteira (89,5%).

No que respeita à profissão futura a amostra apresenta uma grande heterogeneidade, sendo que 15,8% pretende ser economista, 10,5% futebolista e os restantes distribuem-se

equalitativamente (5,3%) pelas seguintes profissões: jornalista, polícia de segurança pública, contabilista, psicólogo, professor de geografia, sargento/coronel, empresário e trolha/economista. Para além disso, verifica-se que 31,6% dos inquiridos não mencionaram a profissão que gostariam de exercer futuramente.

Pode ainda observar-se que a amostra é maioritariamente do nível sócio-económico médio (78,9%), vive com os pais (78,9%) e em casa própria (84,2%).

### **Material**

Foi utilizado um protocolo constituído pelo consentimento informado e um questionário para o presente estudo, composto por duas partes. A primeira continha 9 questões relativas a características sócio-demográficas e a segunda quatro testes constituintes da Bateria de Testes de Aptidões (GATB).

Foram unicamente aplicados quatro testes da GATB (teste 1 – comparação de nomes; teste 3 – desenvolvimento de volumes; teste 4 – vocabulário e por último o teste 5 – utensílios idênticos). Sendo que o teste 1 e 4 correspondem a testes verbais e os restantes a testes de realização.

A GATB portuguesa é constituída por oito testes, sendo eles designados de comparação de nomes, cálculo numérico, desenvolvimento de volumes, vocabulário, utensílios idênticos, raciocínio aritmético, emparelhar formas e fazer três traços (Pinto, 1998).

O teste 1 é denominado de *comparação de nomes*, sendo constituído por 150 pares de nomes onde os alunos têm que escolher uma de duas alternativas de resposta, assinalando se os nomes são iguais ou diferentes (Pinto, 1998). Este teste tem como objectivo verificar a capacidade que cada sujeito tem para compreender pormenores pertinentes em material impresso, bem como a capacidade para observar diferenças em textos e para conferir palavras e encontrar erros (Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Pinto, 1998). Desta forma, este teste está associado à aptidão burocrática (Pinto, 1998).

O teste 3 designado de *desenvolvimento de volumes* possui um conjunto de 40 itens, cada um com 4 alternativas de resposta (Pinto, 1998). Tem como finalidade analisar a capacidade dos sujeitos na discriminação de estímulos apresentados (Pinto, 1998). Avalia ainda a capacidade para visualizar mentalmente formas geométricas e compreender as relações de movimento dos objectos no espaço (Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Pinto, 1998).

O teste 4 refere-se ao teste de *vocabulário*, formado por 60 itens e consiste na identificação de dois sinónimos ou antónimos das palavras fornecidas (Pinto, 1998).

Mede a capacidade para compreender o sentido das palavras e para as utilizar com eficácia, bem como a capacidade para compreender a linguagem e as relações entre as palavras, pertencendo assim à aptidão verbal (Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Pinto, 1998).

O teste 5 reporta-se aos *utensílios idênticos*, sendo constituído por 49 itens (Pinto, 1998) e a tarefa pedida aos sujeitos consiste em identificar exactamente estímulos iguais às imagens fornecidas, pretendendo medir a capacidade para compreender pormenores pertinentes em objectos, em material pictórico ou gráfico, bem como a capacidade para realizar comparações visuais ou discriminações de pequenas diferenças de sombreado, correspondendo à aptidão percepção da forma (Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Pinto, 1998).

Segundo Pinto (1998), tendo por base as diversas investigações, realizadas em diferentes contextos (por exemplo: serviços públicos, empresas e escolas) com a GABT, é possível afirmar que esta é considerada um instrumento de avaliação psicológica de grande utilidade para a orientação e aconselhamento de carreira em diversos contextos educativos e profissionais.

### **Procedimento**

O questionário utilizado foi elaborado pelas autoras.

Os dados foram recolhidos por duas pessoas, de modo a contribuir para a padronização da administração, para além da explicação oral dada a cada participante, era solicitado ao mesmo que lesse a folha de rosto do questionário. Na primeira parte desta era explicado o âmbito e objectivo do estudo e em que consistiria a participação, e identificado o responsável do mesmo; na segunda figurava o texto relativo ao consentimento informado propriamente dito, condição *sine qua non* de participação (cf., p.e., American Psychological Association, 2002; Ribeiro, 2007).

De modo a que fosse possível proceder ao esclarecimento de qualquer dúvida que pudesse surgir durante o preenchimento do questionário, uma das investigadoras estava sempre presente, mas sem interferir no processo de resposta. No final do preenchimento, os participantes entregavam os questionários, que eram adequadamente guardados. Foi repetido oralmente o agradecimento pela colaboração que se encontrava impresso no questionário.

Posteriormente, realizou-se a análise e interpretação estatística dos dados através do programa *Statistical Package for Social Science 16.0 (SPSS)*.



## Resultados

Foi efectuado um estudo quantitativo com recurso a uma análise estatística diferencial.

Na tabela 2 apresentamos os resultados padronizados de cada indivíduo consoante o teste e a profissão pretendida.

Tabela 2. *Resultados Padronizados Mediante a Aptidão e a Profissão Pretendida*

Indivíduo	Aptidão burocrática (verbal)	Aptidão espacial (realização)	Aptidão verbal (verbal)	Aptidão de formas e utensílios (realização)	Profissão	Congruência
1	20	31	16	24	Economista	Sim
2	31	27	8	20	Jornalista	Sim
3	25	50	17	30	----	----
4	17	52	14	29	Polícia	Sim
5	20	31	21	25	----	----
6	30	46	21	34	Economista	Sim
7	27	46	25	29	Economista	Sim
8	28	41	18	29	Contabilista	Sim
9	18	37	17	22	----	----
10	21	48	14	24	Psicólogo	Não
11	-12	54	14	26	----	----
12	18	25	19	24	Jogador de futebol Professor de	Sim
13	14	35	20	24	Geografia Jogador de	Não
14	4	25	14	18	futebol Sargento/ Coronel	Sim
15	21	35	15	28	Empresário	Sim
16	13	31	19	24	Trolha/ Economista	Sim
17	18	44	17	18	----	----
18	20	29	15	24	----	----
19	36	58	14	24	----	----

Após a análise da tabela, podemos verificar que existe uma adequação (58%) relativa às aptidões necessárias para as profissões futuras pretendidas e aos respectivos resultados dos testes a elas adequados, sendo que numa amostra de dezanove indivíduos, onze apresentam congruência entre os dados. No entanto, existem dois indivíduos que não apresentam aptidões correspondentes à profissão que pretendem exercer e seis dos inquiridos não deram resposta a esta questão, não podendo assim relacionar-se os dados obtidos.

### **Discussão dos resultados**

Como refere Krumboltz e colaboradores (1979, citado por Faria & Taveira, s/d) nos estudos realizados acerca da eficácia da intervenção vocacional, esta permite alcançar resultados mais elevados em diferentes medidas de critério, contribuí para a melhoria de competências vocacionais específicas e pode ajudar os clientes a realizar melhor as suas escolhas. Para que tal facto possa ocorrer torna-se necessário que o sujeito no processo de orientação aperfeiçoe as competências que possui e desenvolva outras que o permitiram ter sucesso na sua vida profissional como refere Gonçalves (2000). Este aspecto torna-se vigente através da visualização dos resultados obtidos, uma vez que estes corroboram o que Krumboltz e colaboradores (1979, citado por Faria & Taveira, s/d) defendem, isto é, após o processo de orientação, podemos verificar que existe uma adequação relativa às aptidões necessárias para as profissões futuras pretendidas e aos respectivos resultados dos testes administrados.

Para Gonçalves (2000) a competência é um conjunto integrado e estruturado de saberes – “saber-fazer”, “saber-ser” e “saber-transformar-se” – a que o sujeito terá que recorrer para resolver as tarefas que lhe forem surgindo. Neste estudo apenas foram exploradas as competências verbais e de realização, nomeadamente a relação destas com a profissão futura e podemos verificar que os resultados demonstram a existência de uma relação (58%) entre os resultados dos testes (verbais e realização) e a profissão pretendida no futuro. Assim sendo, poder-se-á concluir que a maioria dos inquiridos demonstra as aptidões/competências necessárias à profissão escolhida para o futuro. No entanto, tendo em conta que a GATB não foi utilizada na sua totalidade, as conclusões do estudo são estritamente relativas aos testes referidos, não podendo assim efectuar-se grandes generalizações.

### **Referências bibliográficas**

- Bohoslavski, R. (1987). *Orientação Vocacional – A Estratégia Clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Campos, B. P. (1990a). *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Vol. I. Lisboa: Universidade Aberta.
- Campos, B. P. (1990b). *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Vol. II. Lisboa: Universidade Aberta.
- Campos, B. P. (1991). *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Porto: Afrontamento.
- Carmo, M. & Costa, E. (s/d). “Rumo ao futuro”: *A influência de um programa de orientação, nas competências de tomada de decisão vocacional de alunos do 9º ano de escolaridade*. Retirado a 1 de Maio de 2009, de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0239.pdf>

- Carvalho, T. (2007). *Atuação em psicologia escolar: o desenvolvimento de competências de mediação e escolha profissional de adolescentes em São Luís-MA*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasil.
- Faria, L. & Taveira, M. (s/d). *Avaliação dos Resultados da Intervenção Psicológica Vocacional: um estudo de avaliação de resultados em finalistas do 3º ciclo do ensino básico*. Retirado a 15 de Abril de 2009, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7443/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Resultados%20da%20Interven%C3%A7%C3%A3o%20Psicol%C3%B3gica%20Vocacional.pdf>
- Ferreira, C. (2005). *Orientação escolar em alunos com elevado risco de abandono escolar*. Retirado a 1 de Abril de 2009, de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0057.pdf>
- Figueiredo, P. (2001). *Orientação escolar e profissional: preparar o futuro*. Retirado a 10 de Maio de 2009, de [http://www.externatodaluz.com/Orientacao\\_escolar\\_e\\_profissional.pdf](http://www.externatodaluz.com/Orientacao_escolar_e_profissional.pdf)
- Gonçalves, C. (2000). *Desenvolvimento vocacional e promoção de competências*. Retirado a 20 de Abril de 2009, de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/imprimir.php?codigo=A0123>
- Gonçalves, M., Simões, M., Almeida, L. & Machado, C. (2003). *Avaliação psicológica – instrumentos validados para a população portuguesa*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Imaginário, L. (1997). Questões de Orientação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13, 39 - 46.
- Imaginário, L. (1998). *Adaptação/reinserção profissional dos adultos pouco escolarizados*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Jaskulski, E., Costa, M., Massatti, R. & Costa, M. (s/d). *Oficina de orientação vocacional: em busca de uma identidade profissional*. Retirado a 18 de Junho de 2009, de <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2007/artigos/psicologia/229.pdf>.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGrawHill.
- Peavy, R.V. (1996). Councelling as a culture of healing. *British Journal of Guidance and Councelling*, 24, 141-150.
- Pinto, H. (1998). *Bateria de Testes de Aptidões – GATB. Manual da Adaptação Portuguesa*. Lisboa: CEGOC.
- Salgado, F. (2002). O Balanço Dinâmico e o papel da Orientação Profissional na elaboração de programas de inserção social de pessoas com deficiência. *Análise Psicológica*, 3 (XX), 407-418.
- Silva, L., Lassance, M. & Soares, D. (2004). A Orientação Profissional no contexto da Educação e Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (2), 31-52.